

Notas sobre a importância do trabalho na ontologia de Georg Lukács

Notes on the importance of work in Georg Lukács's ontology

Rone Eleandro dos Santos (Mestrando em Filosofia pela UFMG - Viçosa-MG)

roneeneandro@yahoo.com.br

Resumo: O artigo busca verificar o lugar da noção de trabalho na ontologia lukacsiana. Para isso foi preciso, em primeiro lugar, destacar a capital influência exercida pela concepção ontológica de Karl Marx e como, seguindo este último, Lukács também coloca o trabalho como sendo a categoria fundante do ser social. Afirmar isto significa dizer que a gênese da categoria do trabalho corresponde ao surgimento de uma nova esfera de ser e que fornece o modelo genérico da práxis humana e social. O trabalho é o elemento fundante da vida humana, tanto que Lukács chega a afirmar junto com Friedrich Engels que “o trabalho, por si mesmo, criou o homem”. A característica que estabelece a distinção fundamental entre o trabalho da produção realizada pelo animal consiste em seu caráter consciente e livre, elementos significativos da passagem do ser orgânico para o ser social. O caráter consciente da atividade produtiva do homem se revela na capacidade que este possui de antecipar em sua mente o resultado da ação que visa executar. A ação laborativa do ser humano tem a particularidade de ser a conformação objetiva de um fim que foi previamente ideado, o que Lukács chama de *pôr teleológico*. Devido à fundamental aliança entre inteligibilidade, consciência e operatividade o ser humano é o único ser da natureza capaz de agir de forma teleológica. Foi por meio dessa atividade posta conscientemente que o homem se afirmou no mundo como sujeito e imprimiu na natureza as marcas indeléveis de seu poder.

Palavras-chave: Georg Lukács; Trabalho; Ser Social; Pôr teleológico.

Abstract: The article tries to verify the place of the notion of work in the lukacsiana ontology. For the

first time it was necessary to point out the fundamental influence exerted for Karl Marx's ontological conception, and Lukács also places the work as the fundamental category of the social being. To affirm it means to say that the genesis of the work category corresponds to the rising of a new sphere of being that provides the generic model of the human and social praxis. The work is the fundamental element of human being's life. Thus both Lukács and Friedrich Engels affirm that “the work, by itself, created the man”. The characteristic that establishes the basic distinction between the work and the production accomplished by the animal consists in its conscious and free character. They are significant elements from the passage of the organic to social being. The conscious character of the productive activity of the man reveals the capacity that he possesses of anticipating in his mind the result of the action that he aims at executing. The labourative action of the human being has the particularity of being the objective resignation of an end that previously was idealized what Lukács calls: bring teleological. Due to the basic alliance among intelligibility, conscience and operability the human being is the only one in the nature that is able to act in a teleological form. The man affirmed himself in the world as individual and printed his indelible marks of his power in the nature through this consciously activity.

Key-words: Georg Lukács; Work; Social Being; Bring teleological.

1. Considerações iniciais

Guido Oldrini e Nicolas Tertulian, dois dos maiores interpretes e estudiosos do pensamento de Georg Lukács (1885-1971) afirmam que a fase madura do pensamento deste último teve início por volta de 1930, ano de sua entrega aos estudos sobre a arte tendo por viés analítico o pensamento de Karl Marx.¹ Valendo-se do testemunho de pessoas que vivenciaram este momento de maior importância na vida intelectual do filósofo húngaro,² Oldrini declara o quanto estas “têm insistido com ênfase particular na ‘importância histórica’ da virada dos anos 1930, no fato de que – sem sombra de dúvida – exatamente ali, em Moscou, é que se forma o Lukács maduro” (OLDRINI, 2002, p. 52-53).

Em meados dos anos 30 Lukács ficou durante um tempo exilado em Moscou onde tomou contato com os manuscritos juvenis de Marx. A leitura dos manuscritos redigidos por Marx em Paris modificou a relação de Lukács com o marxismo, como ele mesmo relata numa de suas várias entrevistas:

Quando estive em Moscou, em 1930, Riazanov [editor que cuidava da edição da MEGA e dos Manuscritos] me mostrou os manuscritos de Marx elaborados em Paris em 1844. Você pode imaginar meu entusiasmo: a leitura desses manuscritos mudou toda a minha relação com o marxismo e transformou minha perspectiva filosófica. (LUKÁCS, 1981, p. 49).

Essa transformação a que Lukács se refere está ligada à sua busca pelos fundamentos ontológicos presentes na obra de Marx. Para Lukács a ontologia marxiana buscou executar duas tarefas principais, a saber: estabelecer uma crítica ao empreendimento especulativo e idealista de Hegel e, por outro lado, sob influência de Feuerbach tomar a objetividade como sendo essencialmente a categoria pela qual se busca compreender o lugar ontológico de todo e qualquer ser.

¹ Verificar os seguintes textos: OLDRINI, G. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács in Lukács e a Atualidade do Marxismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, pp.49-75. TERTULIAN, N. Lukács Hoje. in Lukács e a Atualidade do Marxismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, pp.27-48.

² Guido Oldrini está se referindo ao crítico soviético Michail Lifschitz e aos húngaros István Hermann (que foi um dos primeiros alunos de Lukács) e László Szikai (diretor do Arquivo Lukács de Budapeste).

Não é este o local para efetuarmos uma análise detalhada sobre a influência de Hegel sobre o pensamento marxiano, mas faz-se necessário abrir um parêntese para mencionar (mesmo que de forma rápida) a influência de Ludwig Feuerbach sobre o jovem Marx. Influência que não deve ser tomada como uma alegação que de Marx foi um feurbachiano. Quanto a isso, Jesus Ranieri afirma de maneira enfática na Apresentação aos *Manuscritos econômico-filosóficos*: “Marx nunca foi feurbachiano. A assertiva é, sem dúvida, uma forte provocação, mas a leitura atenta destes manuscritos (também denominados Manuscritos de Paris) mostrará o lugar que ocupa, em seu sistema, uma nascente teoria da economia humana”. (RANIERI, 2006, p. 11).

Ainda segundo Ranieri é preciso verificar que:

A crítica materialista de Feuerbach à filosofia especulativa e à religião, ainda que proceda sem uma base forte no que diz respeito à atividade humana enquanto produtora efetiva da história une-se, em Marx, a uma concepção em que essa atividade é o elemento primordial, ou seja, a apresentação do objeto enquanto percurso de exposição da verdade, nesse caso, a percepção hegeliana de atividade. (RANIERI, 2006, p. 12).

De acordo com Lukács, a virada filosófica de Marx para o materialismo acaba levando-o a uma guinada em direção a uma reflexão sobre os processos econômicos: “Mas o fato de que a economia seja o centro da ontologia marxiana não significa, absolutamente, que sua imagem do mundo seja fundada sobre o ‘economicismo’ (LUKÁCS, 1979, p. 15). O próprio Lukács atesta que não é possível precisar até que ponto Feuerbach foi decisivo no processo de virada de uma reflexão materialista para um exame apurado sobre o sistema econômico capitalista. Mas, é possível afirmar sem sombra de dúvida que é “certo que Marx pôs-se imediatamente de acordo, em princípio, com as idéias de Feuerbach acerca da ontologia da natureza e com sua atitude anti-religiosa” (LUKÁCS, 1979, p. 15). Se Marx permanecesse preso somente nas reflexões feurbachianas, ele certamente não teria sido tão complexo e original como foi, razão pela qual ele posicionou-se de forma crítica frente a estas reflexões e foi além de Feuerbach. E um dos pontos mais decisivos de sua crítica diz

respeito à tradicional separação entre sociedade e natureza feitas por algumas correntes filosóficas.

No que se refere à filosofia da natureza, ele (Marx) rechaçou, de modo cada vez mais decidido, a tradicional separação entre natureza e sociedade, que se mantivera insuperada também em Feuerbach, e considerou sempre os problemas da natureza predominantemente do ponto de vista de sua inter-relação com a sociedade. (LUKÁCS, 1979, p. 15).

Então é preciso ressaltar que estas filosofias buscam enfatizar de maneira radical as diferenças existentes entre o âmbito da sociedade e o âmbito da natureza, colocando em posições opostas o reino da liberdade e o reino da necessidade (como teria acontecido com Kant e seus seguidores ou como pensam os neopositivistas). Ou, por outro lado, estas filosofias acabam diluindo ou negando as particularidades inerentes ao ser social, estabelecendo uma completa identificação entre os dois planos do ser (o social e o orgânico).

Seguindo o pensamento de Marx, Lukács também coloca o trabalho como sendo a categoria fundante do ser social. No contexto da ontologia lukacsiana isto significa que, por um lado, a gênese da categoria do trabalho corresponde à gênese de uma nova esfera de ser, de uma nova substancialidade radicalmente distinta do ser apenas natural. Por outro lado, também existe a característica de que o trabalho fornece a protoforma, o modelo genérico da práxis humana e social. Vejamos isso com mais detalhes no tópico seguinte.

2. Trabalho e natureza: do ser orgânico ao ser social

Na concepção lukacsiana, retirada de sua leitura de Marx, não existiria ser social sem uma base orgânica e inorgânica. Em *As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*, Lukács, ao referir-se sobre à ontologia do ser social, faz a seguinte ressalva: “(...) não seremos capazes de captar sua especificidade (do ser social) se não compreendermos que um ser social só pode surgir e se desenvolver sobre a base de um ser orgânico e que esse último pode fazer o mesmo apenas sobre a base do ser inorgânico”, (LUKÁCS, 1978, p. 03).

Sendo assim, na ontologia marxiana-lukacsiana os homens somente podem oferecer condições para a existência de sua vida se continuamente realizarem transformações concretas sobre a natureza na qual estão inseridos. Ao mesmo tempo em que transformam objetivamente a natureza, o homem transforma-se a si mesmo enquanto sujeito. Lukács faz uma ressalva que deve ser levada em consideração:

(...) não podemos obter um conhecimento imediato e preciso dessa transformação do ser orgânico em ser social. O máximo possível é um conhecimento *post festum* através da aplicação do método marxiano, segundo o qual a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco, e segundo o qual, portanto, o estágio mais primitivo pode ser reconstruído — intelectualmente — a partir do superior, de sua orientação e tendências evolutivas, (LUKÁCS, 2004, p. 57).

Não é possível captar a essência do processo de passagem do ser inorgânico ao ser orgânico e do ser biológico ao ser social apesar de haver elementos causais que a ciência conseguiu em grande parte desvendar e quantificar. Entretanto, o salto de qualidade de um estágio a outro ainda continua sendo um salto “ontologicamente necessário de um nível de ser a outro, qualitativamente necessário”, (LUKÁCS, 2004, p. 57).

No capítulo sobre trabalho de *Para uma Ontologia do Ser Social*, Lukács enfatiza o mérito de Friedrich Engels de ter colocado o trabalho como categoria central do processo de humanização do homem. É por meio da atividade laborativa que o filósofo e colaborador de Marx concebe a idéia de desenvolvimento do homem de um estágio pré-hominídeo para a noção de humanidade. Nas palavras de Engels, o trabalho “é a condição fundamental de toda a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem”, (ENGELS, 1979, p. 215).

É nesse sentido que, segundo Lukács, pode-se considerar que foi Engels quem forneceu de forma decisiva os princípios que estabelecem os principais lineamentos quanto à ruptura do processo de reprodução entre homem e natureza, (LUKÁCS, 2004, p. 60). A passagem do estado mais primitivo para o de humanidade não ocorre em um processo linear e sem sobressaltos. A elevação para uma etapa superior de evolução, segundo a concepção engelsiana acontece permeada por descontinuidades: entre o processo

reprodutivo dos animais e o processo reprodutivo humano existe uma ruptura que é difícil de ser detectada com clareza. Ora, esta teoria da descontinuidade está muito próxima da noção de salto ontológico lukacsiana de que falamos anteriormente.

Já na acepção de Marx, o conceito de trabalho somente pode ser aplicado em última instância ao trabalho humano. Tal afirmação pode parecer errônea visto que qualquer pessoa pode argumentar que outros animais também realizam atividades de características laborativas. De fato existem alguns animais que são capazes de realizar alguma produção, contudo esse ato produtivo não pode ser tomado como trabalho em sentido estrito. A característica que estabelece a distinção fundamental entre o trabalho da produção realizada pelo animal consiste em seu caráter consciente e livre. Enquanto a produção animal é dirigida pelos instintos naturais mais primitivos, o homem empreende sua ação de forma deliberada e consciente. Nos *Manuscritos de 1844*, Marx assinala a especificidade da atividade vital realizada pelo homem:

O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz de sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem uma atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade [*Bestimmtheit*] com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital do animal, (MARX, 2006, p. 84).

Logo na seqüência deste trecho, Marx prossegue assinalando qual é essencialmente a diferença entre a produção animal e a atividade produtiva humana:

É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, o castor, a formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem produz a natureza inteira; [no animal], o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico,

enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto, (MARX, 2006, p. 85).

Mais tarde, no livro primeiro de *O capital*, Marx retomará com algumas modificações o que anteriormente apontamos sobre as diferenças entre a atividade produtiva eminentemente humana daquela concernente aos animais.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na cabeça do trabalhador, (MARX, 1998, p. 211-212).

A construção ideal do produto “na cabeça” antes de colocar em andamento as etapas que culminarão no produto previamente visualizado é uma característica somente humana. Por extrapolar os limites estabelecidos pelas leis naturais que fixam os seres vivos na ordem da competição biológica e da sobrevivência, o trabalho humano pode ser tido como essencialmente diferente do trabalho animal. Para Lukács

O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, **mas pelo papel da consciência**, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia ‘já na representação do trabalhador’, isto é, de modo ideal, (LUKÁCS, 1978, p. 4, grifo do autor).

O caráter consciente da atividade produtiva do homem se revela na capacidade que ele possui de antecipar em sua mente o resultado da ação que visa executar. Devido à fundamental aliança entre inteligibilidade, consciência e operatividade que somente o homem possui ele é o único ser da natureza capaz de agir de forma teleológica. Foi por

meio dessa atividade posta conscientemente que o homem se afirmou no mundo como sujeito e imprimiu na natureza as marcas indelévels de seu poder.³

Seguindo a reflexão marxiana, Lukács designa o homem como um ser eminentemente social e também coloca a categoria do trabalho como sendo aquela que fundamenta o ser social. No contexto da ontologia lukácsiana esta afirmação acarreta em duas observações. Primeiramente é preciso dizer que a gênese da categoria do trabalho corresponde à gênese de uma nova esfera de ser, de uma elevação a uma nova substancialidade extremamente distinta do ser apenas natural. Por outro lado, o trabalho fornece a protoforma do caráter de sociabilidade do homem, ou seja, fornece um modelo genérico da práxis humano-social.

O trabalho tem a peculiaridade de ser a categoria pela qual se deve pensar quando se deseja chegar à compreensão das especificidades do ser social de um ponto de vista ontológico.

Sendo assim, não podemos perder de vista que, considerado em sua forma originária, o trabalho deve ser tomado como a peça chave do intercâmbio entre o homem e a natureza.

Contudo, ainda é preciso dizer que todo ato laborativo concreto não acontece sem que antes ocorra a prévia concepção das etapas, do material, e das ferramentas necessárias para que ele possa ser executado com eficiência. Isso significa que o homem antes de colocar em ação qualquer etapa do trabalho, anteriormente projeta em seu pensamento aquilo que deseja produzir, estabelece a maneira mais adequada de execução do objeto almejado, além de efetuar a escolha do material mais adequado para esse fim. Todas essas fases compõem o momento de uma prévia ideação que antecede o ato real e concreto da atividade laborativa, posto que, nenhum processo produtivo pode prescindir do conhecimento objetivo do sistema causal dos objetos.

³ De fato, segundo Leandro Konder, “sem essa experiência que lhe permite prefigurar o seu télos (o ponto onde quer chegar), o sujeito humano não seria sujeito, ficaria sujeitoado a uma força superior à sua e permaneceria tão completamente preso a uma dinâmica objetiva como uma folha levada por um rio caudaloso” (KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.106).

Ao colocar idealmente um fim objetivo que deseja alcançar com seu trabalho, o homem insere na realidade material algo totalmente novo que nela não existia anteriormente. Quando faz isso ele rompe o processo de causalidade da natureza e implanta nela um novo fim teleológico antes inexistente. Nesse aspecto, através do trabalho, o homem é o único ente natural capaz de, através sua ação, criar algo qualitativamente e radicalmente novo ao colocar no mesmo processo o pôr teleológico e a causalidade.

3. O trabalho como pôr teleológico

O sentido teleológico do trabalho foi ao longo da história humana compreendido, como é manifesto, tanto em sua inserção na vida ordinária dos homens em geral como nas diversas teorias científicas e filosóficas ou nas criações míticas e religiosas. Mas há uma tendência a extrapolar a teleologia do domínio do trabalho humano e estendê-la a outras esferas como se viu ocorrer mesmo entre grandes filósofos.

Enquanto Aristóteles eleva a teleologia a uma categoria cósmica, Hegel faz dela o motor da história. Já Kant buscou romper com essa idéia filosoficamente arraigada da existência de um sentido teleológico na natureza e na vida, de maneira que definiu esta última como “finalidade sem objetivo”. Contudo, o filósofo de Königsberg não estabeleceu um maior aprofundamento da reflexão denunciada pelo referido enunciado, talvez em conseqüência da sua preferência fundamental pelas questões epistemológicas.

Contrário a estes filósofos mencionados, Lukács, seguindo de perto Marx, pensa que a atividade humana tem o caráter determinante e específico de ser a única na esfera natural que é uma “atividade posta”. Como já acentuamos anteriormente, isso significa que a ação laborativa do ser humano tem a particularidade de ser a conformação objetiva de um fim que foi previamente ideado. É exatamente isso que Lukács chama de *pôr teleológico*. Assim, o trabalho passa a ser entendido como a unidade entre o pôr efetivo de uma determinada objetividade e a atividade ideal prévia diretamente regida e mediada por uma finalidade específica. Se a atividade humana tem a característica de colocar em andamento uma atividade antes inexistente, Lukács acaba definindo o resultado final do trabalho como uma “causalidade posta”. Em linhas gerais, isso significa que se trata de uma causalidade

que foi posta em movimento pela mediação de um fim humanamente idealizado e conformado.

Ora, temos aqui algo que pode parecer uma relação paradoxal a princípio, mas que dentro da ontologia lukacsiana e marxiana demonstra não ser tão absurda assim. Na atividade laborativa a teleologia e a causalidade embora sendo antagônicas e heterogêneas acabam formando uma unidade no interior do complexo do trabalho. Sendo assim, sob a forma de uma determinação reflexiva, a causalidade posta e o pôr teleológico compõem o fundamento ontológico que demonstra o caráter dinâmico de complexos inerentes ao homem e somente a ele. Como somente o trabalho humano consciente pode realizar um novo começo e dar início a um novo processo de nexos causais, é verdadeiro também que a teleologia é uma categoria existente somente no âmbito do ser social e humano.

Seguindo o ponto de vista até agora exposto podemos afirmar que o trabalho escapa a qualquer forma de denominação histórico-espacial laborativa específica, ou seja, de uma sociedade especificamente delimitada, num contexto localizado particular. É preciso afirmar de maneira irrestrita que quando o trabalho é tomado em sua especificidade de produto da consciência (portanto, produto social pré-ideado) deve também, ao mesmo tempo, ser considerado como elemento fundante da sociabilidade humana.

O trabalho é o ponto basilar do desenvolvimento da complexificação entre o pólo do gênero (o indivíduo enquanto gênero) e o da individualidade (o gênero posto singularmente, mas de forma sociabilizada). Partindo dessa perspectiva fica sustentado que o entrelaçamento entre indivíduo e sociedade obedece a uma determinação que perpassa estas duas esferas. Tal determinação somente ganha força através do desenvolvimento do universo do indivíduo dentro de seu ambiente social, onde a humanização ocorre devido ao processo iniciado pelo trabalho. É no contexto teleológico que o trabalho expressa a humanidade em sua integralidade, ou seja, no seu aspecto espiritual, consciente, corpóreo ou objetivo, o ato laborativo só pode ser posto em movimento, fundamentalmente, por posições que buscam finalidades.

Nesse sentido, Lukács afirma que todo trabalho tem em sua raiz formativa uma posição teleológica que, a todo instante inicia uma nova série causal;

Ao contrário da causalidade, que representa a lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram a sua expressão geral, a teleologia é um modo de pôr – posição sempre realizada por uma consciência – que, embora guiando-as em determinada direção, pode movimentar apenas séries causais. [...] Decisivo aqui é compreender que se está em face de uma duplicidade: numa sociedade tornada realmente social, a maior parte das atividades cujo conjunto põe a totalidade em movimento é certamente de origem teleológica, mas a sua existência real – e não importa se permaneceu isolada ou se foi inserida num contexto – é feita de conexões causais que jamais e em nenhum sentido podem ser de caráter teleológico. (LUKÁCS, 1978, p.6, grifo do autor).

Para distinguir entre o trabalho e o conjunto muito amplo das práxis sociais que não operam a transformação material da natureza, Lukács denominou o primeiro de *posição teleológica primária* e o segundo de *posições teleológicas secundárias*. Na esfera das posições teleológicas primárias o conjunto de finalidades buscadas tem condições mais próximas de apreensão universal das conseqüências possíveis, levando à redução do número genérico de alternativas a serem escolhidas. Isso é possível porque esta é a esfera de intercâmbio entre homem e natureza, um complexo ainda rudimentar pertencente ao espaço mais reduzido da ação decisória. Mesmo assim é preciso ressaltar que ao sujeito que põe em andamento um ato laborativo não seja colocado com toda a clareza aquele conjunto de circunstâncias produtoras de uma dada situação que precisa ser solucionada.

Nas práticas superiores temos o predomínio de posições teleológicas fundamentalmente distintas. Tais posições não objetivam mais a atividade que privilegia a natureza como objeto. Agora o foco e finalidade primeira são levar outros homens a desempenhar funções específicas. O que difere as duas posições teleológicas é o objeto sobre o qual exercem suas respectivas ações. As posições teleológicas próprias da atividade laborativa atuam de forma imediata sobre um dado objeto ou elemento natural, enquanto as posições teleológicas secundárias têm como finalidade a consciência de outros homens, ou seja, visam levar outros homens a assumir determinadas posições teleológicas concretas. Característica própria das posições teleológicas secundárias é o fato de que estas são mais

“desmaterializadas”, posto que se distanciam de qualquer relação direta com a materialidade da prática social.

No entanto, considerando de forma mais criteriosa a questão, não podemos afirmar que as posições teleológicas secundárias constituem um fato novo, algo que aparece apenas com os processos superiores da prática social. O próprio desenvolvimento e complexificação da atividade laborativa acaba levando ao surgimento das posições teleológicas, isto devido à própria dinâmica interna dos próprios procedimentos necessários à execução do trabalho.

4. Considerações finais

As reflexões sobre o caráter ontológico do ser humano expressam o amadurecimento dos escritos teóricos de Lukács ao apontar o *trabalho* como categoria fundante do ser social. Mas, ao mesmo tempo em que através do trabalho o homem modifica a natureza — e por isso é um ser que não se reduz a ela —, ele também cria novas necessidades que antes não existiam. Desta forma, podemos dizer que um dos fatores que distingue o homem das demais espécies é a ausência de um sistema fixo de necessidades.

Baseado nestas afirmações é plausível afirmar que para além de ser um ser do *trabalho* o homem é um ser da *práxis*. É nessa linha que Lukács, retomando o conceito de Marx segundo o qual os homens fazem sua própria história, porém não nas condições que escolheram (Marx, 1997, p. 21), empreende a definição de que o homem é “um ser que dá respostas”:

Um ser que dá respostas é um ser que reage somente às alternativas que lhe são colocadas pela realidade objetiva. Mas, fazendo isso, este ser abstrai certas tendências contidas no processo espontâneo para transformá-las em perguntas e encontrar para elas uma resposta. Por isso, esta reação não é puramente espontânea. Um leão, ao devorar um antílope, constitui um processo puramente biológico, no qual não está presente qualquer alternativa. Quando, ao contrário, o homem, através de seu trabalho, eleva à abstração sua relação de intercâmbio com o ambiente para fazer dela um problema ao qual deve ser dada uma resposta, esta alternativa é inserida no processo histórico. (LUKÁCS, apud ABENDROTH et al: 1969, p. 132).

Se o homem é um ser que dá respostas significa que ele é um ser dotado de praticidade suficiente para reagir ao que a realidade objetiva lhe impõe. Um ser capaz de colocar-se diante das alternativas que lhe são colocadas, e num processo de interatividade, reter conhecimentos suficientes, formular novas perguntas às quais buscará as respostas mais adequadas. A sucessiva execução deste processo de formulação de perguntas e elaboração de novíssimas respostas transforma e forma paulatinamente os diversos níveis de mediações que impõem assim maior complexidade à atividade humana, ao mesmo tempo em que a transformam e enriquecem.

Somente através do trabalho o homem pode executar este complexo intercâmbio com a realidade objetiva, razão pela qual é a atividade laborativa a característica fundante do ser social. Nesse procedimento retroativo de perguntas e respostas vai sendo formada a consciência criativa do homem. Ou seja, ao mesmo tempo em que cumpre sua finalidade laborativa de maneira objetiva, o ser humano também processa as etapas de formação de sua subjetividade. Neste sentido torna-se oportuno mencionar a reflexão feita por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* sobre esse aspecto. Para o filósofo:

O ser objetivo atua objetivamente e não atuaria objetivamente se o objetivo [*Gegenständliche*] não estivesse posto em sua determinação essencial. Ele cria, assenta apenas objetos, porque ele é assentado mediante estes objetos, porque é, desde a origem, natureza [*weil es von Haus aus Natur ist*]. No ato de assentar não baixa, pois, de sua ‘pura atividade’ a um criar do objeto, mas sim seu produto objetivo apenas confirma sua atividade objetiva, sua atividade enquanto atividade de um ser natural objetivo, (MARX, 2006, p. 127).

Sendo assim, pode ser afirmado que o objeto somente pode ser passível de desvendamento porque o critério ontológico, que em sua origem funda-se na esfera do trabalho e das posições ontológicas anteriormente vistas, independe de qualquer embasamento epistemológico. Essa característica demonstra a gênese dos percursos históricos sociais da totalidade da produção humana nos seus mais variados níveis, além de

ressaltar, por exemplo, que qualquer meio investigativo ou produção teórica obedecem irrestritamente a uma necessidade surgida do próprio corpo social.

Muito além da busca de uma correta formulação estabelecida a partir da relação entre sujeito e objeto (metodologia), a pesquisa genética objetiva realizar a decomposição dos nexos que originaram ou originam a solução gnosiológica. Ao fazer isso estabelece uma hierarquização das maneiras como devem ser realizados os procedimentos científicos, de modo que este seja feito dentro da realidade concreta e da totalidade do ser social.

Para finalizar é preciso ressaltar que a preocupação de Lukács com a prática laborativa humana e a ontologia do ser social demonstram, no fundo, a importância de se discutir os problemas éticos e o quanto estes estão relacionados com os alicerces da vida humana. Não se pode perder de vista que sua ontologia fazia parte de um projeto de embasamento ontológico para uma ética do ponto de vista marxista. Pela ontologia Lukács estava certo que compreenderia em sua complexidade o papel fundamental que o trabalho tem nas questões éticas. Razão pela qual a adequada reflexão ontológica, segundo Lukács, pode estabelecer de maneira precisa o processo evolutivo do ser social para planejar quais devem ser as ações necessárias e as respostas promotoras da emancipação do ser humano.

Referências:

ABENDROTH, W., HOLZ, Hans H. e KOFLER, L. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUKÁCS, G. *As Bases Ontológicas da Atividade e do Pensamento do Homem*. Revista *Temas*, São Paulo: Ciências Humanas, nº 4, 1978.

_____. *Ontologia do Ser Social - Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. *Democracia Burguesa, Democracia Socialista e outras questões*. Nova Escrita/Ensaio, São Paulo: Escrita, ano IV, nº 8, 1981.

_____. *Ontologia del Ser Social: El Trabajo – textos ineditos en castellano*. Buenos Aires: Ediciones Herramienta, 2004.

Revista *Estudos Filosóficos* nº 2 /2009 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967

<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

Pág. 86 – 100

MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Livro I, vol. 1.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

OLDRINI, G. *Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács*. in *Lukács e a Atualidade do Marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

RANIERI, Jesus. *Apresentação*. In: MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006.

TERTULIAN, N. *Lukács Hoje*. In: *Lukács e a Atualidade do Marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

Data de registro: 11/08/2008

Data de aceite: 07/05/2009